

MOOC/cMOOC/xMOOC?

Corpo do verbete: 10 000 caracteres

MAIA e CARMO, Teresa. MOOC/cMOOC/xMOOC In: In: MILL, D. (org.). Dicionário Crítico de Educação e Tecnologia + Educação a Distância, Grupo Horizonte UFSCar: São Carlos

MOOC/cMOOC/xMOOC

Teresa Maia e Carmo

- Português de Portugal: Cursos Online Abertos Maciços
- Inglês: Massive Open Online Courses
- Francês: usa-se a designação MOOC
- Espanhol: usa-se a designação MOOC

1.O que é um MOOC? Vamos pelas iniciais do termo, ao contrário da designação inglesa, uma língua que inverte a construção frásica relativamente à nossa. Um MOO«C» é um curso porque tem um princípio e um fim marcados no tempo - geralmente entre quatro e 10 semanas - prevê a realização de tarefas e exercícios e tem momentos de avaliação incluídos. A avaliação pode ser feita por pessoas (professores ou «facilitadores»), pelos pares ou por máquinas (*software* automatizado). O modelo aproxima-se de um semestre no ensino superior (ES).

É online porque se distingue de outras formas de ensino/aprendizagem híbridas, cada vez mais correntes na educação tradicional, como o uso de recursos e estratégias digitais nas aulas presenciais. É aberto... em vários sentidos: acesso, gratuidade e modelo pedagógico seguido. As três características nem sempre coexistem. Respectivamente: é aberto por ser acessível a virtualmente qualquer pessoa, por não exigir nenhum de critério de admissão, apenas um login e uma password; é aberto por não implicar o pagamento de uma inscrição à partida; é aberto por usar REA (recursos educacionais abertos), disponíveis para livre uso e modificação, e utilizar a abordagem conectivista (ver abaixo). É maciço porque o número de participantes é superior ao que um professor pode gerir numa sala de aula convencional. Os números variam muito, podendo os estudantes inscritos ir de algumas centenas a vários milhares.

2.Evolução e desenvolvimento histórico. Estes cursos são uma forma de educação a distância (EaD), mediada por TIC, i.e. uma forma particular de elearning, que está longe de ser a primeira. A evolução tecnológica é um factor-chave para o aparecimento dos MOOCs. O ecossistema da internet 2.0 começou a enviar sinais aos sistemas de ensino: conectividade e inovação entravam na ordem do dia, também na educação. Surgem iniciativas como o «Edupunk», a «P2P University» ou a «Do It Yourself University», reclamando que as pessoas aprendem melhor entre pares com interesses ou necessidades comuns do que através de professores ou especialistas, numa presunção um tanto precipitada mas que se tornou popular. Salman Khan cria a referencial «Khan Academy», em 2006, que cresceu num fósforo até aos 400 mini-cursos com 240 milhões de visualizações. Mas sobretudo universidades muito prestigiadas lançam iniciativas como «OpenCourseWare» (MIT), em 2002, ou o «OpenLearn (Open University)» em 2006 (Gaebel 2013). Veja-se a fita do tempo:

Siemens e Stephen Downes; o segundo foi o curso sobre Inteligência Artificial dado por dois professores da Universidade de Stanford, EUA, Sebastian Thrun e Peter Norvig, em 2012: em poucos dias inscreveram-se 160 mil estudantes de 190 países. O sinal estava dado e seria o princípio dos cMOOCs e dos xMOOCs, os dois principais modelos existentes.

O curso canadiano (Connectivism and Connective Knowledge -CCK8) era sobre o que os autores baptizaram como uma nova «teoria da aprendizagem» - posteriormente muito criticada, o conectivismo – era grátis e aberto, e.g. qualquer pessoa podia inscrever-se e usar/modificar o conteúdo oferecido sem qualquer custo, durante 12 semanas. Oferecia dois seminários por semana, uma newsletter diária e uma quantidade apreciável de software e plataformas de interação, como forae, blogs, wikis e redes sociais. A ideia partia da oportunidade que estava a ser dada à educação pela tecnologia, e pretendia aproveitar o melhor da sociedade em rede. Os participantes criariam conhecimento através das suas próprias redes e da interacção que estabelecessem entre si. O objectivo era que cada um criasse o seu ambiente personalizado de aprendizagem e, do cruzamento entre o conteúdo oferecido pelos professores e pelos colegas, algo de novo forçosamente surgiria. O conectivismo é, pois, uma «pedagogia baseada nas redes», que se baseia em quatro princípios: agregação, remistura, redefinição, e redistribuição do conhecimento. Era a base dos cMOOCs, baseados no CONTEXTO.

Só quatro anos mais tarde, contudo, estas premissas começariam a ser maciçamente discutidas, quando o curso acima mencionado de Thrun e Norvig acendeu o restilho do que parecia ser um caminho inteiramente novo e «disruptivo» (palavra que se tornou moda) para o Ensino, sobretudo superior. Tratava-se de dois professores de uma universidade de topo mundial (Stanford) que, meses depois, fundavam uma empresa que seria uma plataforma com fins lucrativos (a Udacity, altamente financiada por investidores de risco). Estes cursos cresciam a um ritmo mais rápido que o Facebook, provocando uma efervescência que há muito não se via nos meios académicos mundiais.

Eram estes os xMOOCs, baseados nos CONTEÚDOS. Emulavam uma sala de aula convencional numa universidade, durante um semestre: aulas/palestras filmadas, avaliação através de testes (ou «quizzes») e plataformas de interação entre os participantes. A abordagem pedagógica era sobretudo behaviourista e a ênfase era posta mais na aprendizagem individual do que na realizada através dos pares.

Nasceram rapidamente várias plataformas que ofereciam MOOCs a um ritmo estonteante, sobre mil assuntos, das Ciências Exactas às Humanas, quase grátis (Coursera, edX, Udemy, entre as principais). A palavra-chave era o prestígio das universidades envolvidas, e a promessa entusiasmante. Veja-se, porém, a infografia que mostra, além da evolução, os principais problemas que se colocam aos MOOCs: modelo de negócio (custam bastante dinheiro, em recursos humanos e técnicos), credenciação e acreditação (potencial concorrência às universidades convencionais), taxas de conclusão muito baixas e autenticação dos estudantes.

